

ORIGENS DA CIVILIZAÇÃO EOLO-JÔNICA.

Comentários sobre Homero e Tales de Mileto.

A memória do Prof. Agliberto Xavier.

A História, mormente a da Antigüidade, não pode ser considerada como definitiva. A apreciação dos fatos, à luz das novas descobertas, tem de modificar-se e aperfeiçoar-se frequentemente, para que a verdade se apure e ganhe maior relêvo, mesmo dentro da massa das contradições irremediáveis. Assim afirma Vignaud: dezenas de vêzes já se escreveu a história da Grécia e de Roma, e ainda o será muitíssimas outras, não para que lhe sejam acrescentados fatos inéditos, mas tendo-se em vista provar que êsses fatos devem ser encarados de outra maneira, o que resulta em conclusões diversas das admitidas anteriormente.

Do mesmo modo se deve olhar o caso das biografias. E' certo que não poderei trazer nenhuma contribuição, ainda desconhecida, para melhor esclarecimento das vidas de Homero, ou de Tales. Mas, as descobertas que, a partir de 1900, se realizaram acêrca da civilização cretense permitem, a meu ver, o reestudo dos subsídios, já conhecidos, por um prisma um tanto diverso, e certamente bem mais interessante. Por outro lado, os progressos da egiptologia firmaram algumas novas conclusões, que se não devem também esquecer, ao analisar as próprias descobertas atribuídas a Tales de Mileto. Cabe-me, pois, traçar êste ligeiro ensaio, respeitando sempre, tanto quanto possível, as normas da orientação moderna.

* * *

Louvando-se, principalmente, nas memoráveis descobertas realizadas, na ilha de Creta, por Sir Arthur Evans e outros ilustres arqueólogos, publicou, em 1923, Gustavo Glotz, uma síntese histórica da *Civilização Egeana* que, no gênero, é a obra mais impressionante e instrutiva do corrente século. Glotz, com efeito, conseguiu reanimar, neste luminoso trabalho, tôda a civilização cretense, desde as suas enigmáticas origens, até o aniquilamento definitivo, pelos invasores dóricos.

Como hoje está provado, a civilização em Creta principiou na idade neolítica, demonstrando êste fato que o seu povoamento foi muito posterior ao de outras regiões da Terra, e, ao demais, que êsses ocupantes, quando aí chegaram, já haviam conseguido relativo progresso cultural. A procedência de tais elementos é ainda muito obscura, sabendo-se, entretanto, que eram doliocéfalos, do tipo mediterrâneo.

Embora a civilização dos povos danubianos, a uns 3500 anos antes da era vulgar, já houvesse alcançado a Macedônia e a Tessália, desenvolvia-se, porém, sem nenhum contacto com a população insular. Entre ambas, permanecia o Peloponeso inteiramente deserto.

Alguns séculos depois, houve, todavia, na Egêida, um grande movimento migratório. As ilhas povoaram-se de bandos vindos do Oriente, ainda que nem todos fôsem da mesma origem, pois apareceram, então, muitos homens de cabeça redonda, característica dos asiáticos, que se misturavam com os doliocéfalos. Seriam êsses invasores os cários, às vêzes também chamados lelégios, mau grado os gregos, mais tarde, dessem o nome de pelargos a todos os povos que habitavam as ilhas e a própria península, antes de suas irrupções.

Não é fácil precisar a questão das datas. Mas, segundo o illustre Hrozný, na sua *História da Ásia Anterior*, em um texto geográfico, encontrado em Assur, e que enumera as conquistas de Sargão, acham-se expressamente indicados o país do chumbo e o país de Kaptara, regiões que existiam no *Mar Superior*, o Mediterrâneo de nossos dias.

Kaptara é o mesmo *Kaphtor* do Antigo Testamento, nome da ilha de Creta, como se aceita hodiernamente.

Na opinião de Hrozný, Sargão teria, realmente, conquistado esta ilha e, talvez, também, as célebres minas de chumbo e prata, existentes no monte Laurion, situado na Ática. A seu ver, as inscrições cretenses (cuja tradução estava procurando realizar) atestam a grande influência de Babilônia sôbre a ilha, em épocas remotas, de vez que, entre os nomes geográficos insulares, existem diversos de origem babilônica e amorriana. Como se sabe, entretanto, Sargão viveu, aproximadamente, no ano de 2400, antes da era corrente, sendo considerado o grande herói nacional dos semitas de Babilônia, por ter fundado o poderoso império de Akkad.

Seja como fôr, a verdade é que, alguns séculos mais tarde, um pouco antes do ano de 1900, quando os aqueus ou aqueanos, de origem européia, fizeram sua aparição na Tessália, o império dos *Minos* se estendia por tôda a bacia oriental do Mediterrâneo.

“A simples lista das cidades que tomaram o nome de Minoa, escreve Gustavo Glotz, indica-nos, em conjunto, a extensão do império minoano; sua situação geográfica designa-as, ao mesmo tempo, como pontos de apóio de navegação e como feitorias. Havia duas Minoas na própria ilha de Creta, e havia outras, também, nas ilhas de Delos, de Amorgos, Paros e Sifnos; havia uma na Lacônia e outra no fundo do gólfo Sarônico; havia Minoas desde a costa siria até a Córceira e a Sicília. Nestes limites, muitas cidades, cujos nomes terminados em *nto*, como labirinto, ou em *sso*, como Cnosso, pertencentes a uma língua pré-helênica, eram visitadas ou ocupadas pelos minoanos. Estavam êles fortemente estabelecidos em todo o istmo da Argólida, de Tirinto e Corinto. Sôbre a costa oriental da Ática, a planície de Maratona, de Probalintos a Tricorintos, conserva sempre a lembrança do Touro cretense, e o seu próprio nome permanece, talvez, no primeiro dos aludidos burgos”.

Por êste motivo, conclui Gustavo Glotz que o primeiro império marítimo, a primeira *talassocracia* a surgir sôbre a face da Terra foi a estabelecida pelos cretenses, cujos barcos alcançavam o Egito e subiam o Nilo, onde os insulares, durante séculos, tiveram o nome de *Kefti*, que lembra o *Kaphthor* dos israelitas.

A propósito dos primitivos habitantes da Egeida, Heródoto e Tucídides ainda conseguiram colhêr algumas informações, na verdade muito sucintas e imprecisas, mas que, diante das descobertas do corrente século, ganharam, pelo menos, uma significação interessantíssima.

Conta-nos Heródoto que

“tanto quando podia julgar, por ouvir dizer”, em épocas remotas os cários “eram súditos de Minos, e quando ainda tinham o nome de lelégios, habitavam as ilhas, e nenhum imposto pagavam”. — “Mas, quando Minos solicitava, explica o historiador, êles constituíam as equipagens de seus navios. Ora, como Minos havia dominado muitas regiões e era feliz na guerra, os cários constituíam, nessa época, a mais afamada de tôdas as nações”.

E depois de alguns comentários sôbre os inventos dessa gente, acrescenta Heródoto a seguinte e curiosa observação: “Eis o que os cretenses referem a respeito dos cários”, significando êste esclarecimento que, ainda na época do historiador, os insulares conservavam bem viva a memória de glórias antiqüíssimas, já agora tão brilhantemente comprovadas.

Tucídides e Aristóteles repetem, ou confirmam os conceitos de Heródoto, sendo de notar, todavia, que, em face do que ficou exposto, atualmente já não se pode compreender haja sido *Minos* o

nome de um só rei; seria, antes, este vocábulo a designação dos dinastas cretenses, pelo menos durante vários séculos.

* * *

Acredita-se que a invasão aqueana se haja verificado, provavelmente, no ano de 1926 a. C., época aproximada em que os hititas dominaram Babilônia e os proto-latinos se encaminharam para a península itálica.

Foi um acontecimento de conseqüências extraordinárias para o futuro da civilização ocidental. Os moldes em que devo vazar o presente trabalho não me permitem, porém, descer a pormenores no exame de tão remoto passado. O resumo que procurarei apresentar, baseado principalmente na belíssima síntese de Gustavo Glotz, dará, contudo, idéia aproximada dos fatos principais, o que me parece indispensável para a compreensão das origens da grande aurora do porvir: a civilização eolo-jônica.

Não quero com isto dizer que os pontos de vista aqui expostos sejam completos e definitivos. Nestas questões, tudo se mostra ainda bastante nebuloso e problemático. O que agora parece verdadeiro e lógico, poderá, um pouco mais tarde, tornar-se indigno de atenção, dependendo da sorte de muitas idéias de pesquisas mais felizes e das novas descobertas. Afastamo-nos tão rapidamente das noções do glorioso Schliemann, que já não nos cabe o direito de fazer qualquer afirmação com caráter dogmático.

Passarei, pois, à narração dos acontecimentos. Ao que se acredita, as primeiras hordas de aqueanos, que penetraram na península, não eram muito compactas; seriam, pelo contrário, grupos numerosos, mas relativamente fracos, não fôra, talvez, a compleição vigorosa de seus homens, o rude espírito conquistador de que estavam possuídos e, sobretudo, a superiodidade de suas armas. Estes grupos não estavam sujeitos a um comando geral. Em tais circunstâncias, se os povos mediterrâneos foram militarmente vencidos em pouco tempo, esta minoria de guerreiros, ditos nórdicos, havia de acabar absorvida e assimilada pela civilização superior que, pouco a pouco, os envolveria.

Assim, portanto, se a primeira fase da invasão se caracterizou pelo traço de incêndios e barbaridades, terminadas as lutas, em pouco tempo se iniciaram as reconstruções, voltando, mesmo, muitos dos inúmeros fugitivos às suas antigas terras. Por outro lado, lugares até então desertos foram ocupados pelos aqueanos, sobretudo na Argólida, em torno de Micenas, que, desde logo, adquiriu importância especial. Os domínios dos indo-europeus estenderam-se, destarte, da Tessália ao Peloponeso, compreendendo, além disto, a Ática e a Beócia. Mas, em suas conquistas, não se detiveram os aqueanos no continente; daí passaram ao arquipélago das Cícladas,

a começar pela ilha de Melos. Foi, aliás, por intermédio dessas ilhas que a civilização cretense propriamente dita pôde, a princípio, reagir mais fortemente sobre os novos senhores da península, embora tal reação só se tenha verificado, a rigor, depois de uma prolongada fase preparatória.

* * *

Durante este longo período, também na ilha de Creta se operaram profundas modificações. Por volta do ano de 1750, houve uma verdadeira catástrofe; possivelmente, uma profunda revolução, determinada ou propiciada por fortes abalos sísmicos.

Ao cabo de meio século de transição, começou, enfim, uma segunda fase de hegemonia, com uma nova série de dinastas, que introduziram um outro tipo de escrita — uma escrita linear, na qual diversos sinais derivavam de hieróglifos mais antigos que os do período anterior. Fôra provavelmente vencida a minoria étnica, que dominara até então. Durante esta nova fase, que veio a ter a duração aproximada de trezentos anos (1700-1400), a civilização de Creta atingiu, sem nenhuma dúvida, o seu verdadeiro apogeu. Os velhos palácios de Cnosso e Festos foram reconstruídos. Acumularam-se as riquezas, e as artes e indústrias floresceram em tôdas as cidades. O ferro, ainda muito raro, começou a ser usado como metal precioso. Este grande surto de progresso verificara-se, todavia, sem que houvesse ainda unidade política. Muitos dentre os palácios insulares rivalizavam, então, com o "labirinto" de Cnosso, que em 1580 foi, mais uma vez, assaltado e saqueado.

Com o correr dos anos, porém, Cnosso conseguiu assumir uma ascendência incontrastável. Seus tesouros e arsenais aumentaram consideravelmente, e os resultados deste acúmulo de riquezas e força não se fizeram esperar: durante um período de mais de meio século, e pelo menos até 1400, o domínio de tôda a ilha pertenceu-lhe inteiramente. Tornou-se Minos o verdadeiro Rei e Grande Sacerdote. Como já não havia fortificações rivais, que se pudessem opor à sua onipotência, diz Gustavo Glotz, as defesas do capital foram inteiramente esquecidas; como garantia contra possíveis ataques do exterior, Minos confiava, naturalmente, em sua grande frota.

Com a hegemonia minoana, as artes e as indústrias ganharam um novo estilo — o *estilo do palácio*, e assim o naturalismo espontâneo que, até então, dominara por tôda a parte, se esquematizou, perdendo a audácia genial que o caracterizava. Criou-se uma escrita para uso exclusivamente administrativo. Trabalhavam todos para o Rei e para a aristocracia, dentro de uma organização oficial autoritária, vício inevitável de todos os regimes teocráticos.

Charbonneaux, em sua obra *A Arte Egeana*, caracteriza nitidamente êste período com os seguintes comentários:

“Relações cada vez mais freqüentes aproximavam Creta do Egito; o príncipe de Cnosso, inebriado com a sua própria glória e com suas riquezas, sente divinizar-se e quer rivalizar em magnificência com os faraós. Pela primeira vez, um constrangimento vai pairar sobre a arte cretense. Os pintores já não se poderão entregar à própria inspiração; ser-lhes-ão impostos assuntos; a riqueza oficial retesará as pernas e curvará o dorso do próprio príncipe, dos dignitários e dos portadores de oferendas, que, nos cortejos solenes, alternam com as sacerdotisas e com os músicos de vestes talares”.

Esta supremacia de Cnosso decorreu, naturalmente, de sua privilegiada posição geográfica para o comércio da época. Sabe-se que, desde remoto passado, os insulares mantinham ativas e rendosas transações com o Egito. Pois bem, em 1700, quando tornaram à antiga prosperidade e, por conseqüência, de novo se encontraram em condições de intensificar o tráfego marítimo e o intercâmbio com o estrangeiro, o grande mercado do sul achava-se praticamente fechado, sob o domínio dos Hicsos.

Só em 1580, quando a décima-oitava dinastia egípcia restabeleceu a unidade do império, puderam os cretenses, pouco a pouco, retomar o caminho do Nilo. Foi justamente nessa época que os “engenheiros” insulares construíram o admirável pôrto na ilha de Faros, obra sem par, na Antigüidade. Antes disto, porém, não podiam permanecer inativos os marinheiros cretenses, mesmo porque, para sua “mátria”, as trocas comerciais com o exterior eram realmente indispensáveis. Acredita-se que os cretenses consideravam a ilha como a grande mãe comum, sua verdadeira “mátria”, adorada, a princípio, como o grande fetiche, e mais tarde endeusada, transformando-se, então, na *Magna-Mater*, cujo culto se veio metamorfoseando, através dos séculos.

Nessa época, como no passado, iam os cretenses à Cirenaica, a Chipre, à Síria; fundaram colônias e feitorias em portos distantes, no Oriente e no Ocidente; espalharam-se, enfim, no Mediterrâneo, em todos os quadrantes, mas foi, sobretudo, com os domínios aqueanos que, então, estabeleceram extensas e profundas relações.

* * *

Ao findar o século XVII, a Argólida sofreu completa transformação. Tudo aí se cretizou. A agricultura, as artes, as indústrias e até mesmo a religião dos insulares transportaram-se intensivamente para a península, dominando por tôda a parte. Mas não

se tratava de uma invasão militar, ou de um grande movimento migratório. Era, apenas, a onda avassaladora de civilização, que, nas circunstâncias já indicadas, teria de observar-se, mais cedo ou mais tarde, nesta direção.

Os chefes aqueanos, embora ávidos de luxo e de novidades exóticas, conservaram, por muito tempo, quase tôdas as suas características e os seus rudes e bárbaros costumes. Senhores dos lugares elevados, espreitavam os caminhos freqüentados pelos mercadores estrangeiros, e só lhes permitiam a passagem mediante ricos presentes, cobrados como verdadeiros impostos. Ao construir seus palácios e túmulos, recorriam, como senhores do feudo, à corvéia, isto é, exigiam a colaboração gratuita dos servos para o transporte dos enormes rochedos e dos outros materiais.

A misteriosa construção dessas muralhas enche-nos de assombro e piedade; compaixão por êstes infelizes escravos e servos obrigados a esforços mais que humanos para collocarem em seus lugares blocos ciclópeos, geralmente com três ou quatro toneladas, sem falar nos mais raros, de dez ou quinze mil quilogramas. Uma das grandes pedras da entrada do chamado "Tesouro de Atreu" deve pesar, aproximadamente, cento e vinte toneladas!

Os reis e a aristocracia empregavam o tempo em combates e *razzias*, e gostavam, sobretudo, das armas de alto valor e dos carros luxuosos. Quando aprenderam a usar os navios, tornaram-se piratas, e saíam freqüentemente a roubar bois e mulheres. O ouro os fascinava, para com êle poderem adornar suas armas e seus valhacoutos, onde, nas horas de paz, viviam em festas intermináveis.

Grande palácio se ergueu na acrópole de Micenas. Em Tirinto, numa elevação insignificante, em meio dos campos, ainda se podem ver as ruínas da espantosa fortaleza. Construídos, embora, segundo o tipo continental, suas paredes internas foram entregues aos artistas cretenses, que as cobriram de pinturas, representando cenas de combates e caçadas, naturalmente de acôrdo com as ordens dos chefes militares. E como a riqueza de tais palácios aumentava dia a dia, crescia dia a dia a população parasitária, ou servil. O perímetro fortificado de Tirinto, por isto mesmo, houve de ampliar-se várias vêzes.

Os antigos túmulos de Micenas conservaram até nossos dias os ossos dos primitivos príncipes aqueanos, e Schliemann ainda os encontrou com as suas máscaras de ouro, com os seus ricos e artísticos punhais, longas espadas a par de pesados colares, e belísimos copos de ouro e de prata.

Esta civilização creto-miceniana parece ter-se iniciado em 1600, perdurando, aproximadamente, até 1400. A princípio, a influência dos minoanos se exerceu, sobretudo, nos portos marítimos. As cos-

tas do Peloponeso recebiam freqüentes visitas dos navios cretenses, e é mesmo certo que, em muitos pontos, os negociantes insulares criaram depósitos ou sucursais. Pouco a pouco, entretanto, as regiões centrais da península foram sendo absorvidas pela mesma civilização mista. Ainda que por terra o progresso se mostrasse mais lento, não deixou de ser, por isto, regular e contínuo. Em breve, a Coríntia tornou-se mais próspera do que nunca, e afinal, a vizinha Ática foi inteiramente conquistada. O afastado palácio de Tebas, na Beócia, conservou, até nossos dias, o atestado dessa benéfica influência, demonstrando objetivamente os trabalhos dos artistas e arquitetos cretenses. Em 1450, à própria Tessália, até junto das encostas do Olimpo, já chegavam os vasos de estilo miceniano ou cretense!

* * *

À medida que o tempo se fôra escoando, a influência dos minoanos tornara-se mais tênue, ou mais superficial. A crescente expansão dos domínios dos indo-europeus, ao que parece, acabou por esgotar o pequenino mundo cretense. Por outro lado, os aqueanos, cada vez mais ricos e mais fortes, julgaram-se em condições de agir por conta própria e desprezar os antigos mestres. Tudo haviam copiado. A própria técnica naval, já não constituia segredo para eles, que, no entanto, ao chegarem à península, desconheciam o próprio mar! Praticaram-na, a princípio, exercendo a pirataria. Mais tarde, reconhecendo, em certos casos as vantagens das transações pacíficas, partiam regularmente de Pilos, para adquirirem o ambar, através do Adriático.

“Cretenses e aqueanos, esclarece Gustavo Glotz, então se associaram, reunindo sua ciência da navegação e os conhecimentos geográficos. Mas o momento chegou em que os povos se cansaram de pagar tributos à talassocracia cretense. Os micenianos já não tinham tanta necessidade de intermediários para transportar seus vasos ao Egito, e sobretudo através dos mares ocidentais. Por seu turno, os faraós julgavam de seu interesse político e comercial dispensar os *Kefti* para entrar em relações diretas com os povos do “contorno”. Os reis micenianos receberam, por diversas vezes, objetos de vidro e de faiança, marcados com os cartuchos de Amenofis III (1415-1380), e responderam com a remessa de belíssimos vasos. Estes presentes são verdadeiros documentos da história diplomática. Anunciam um acontecimento considerável: a sublevação do mundo miceniano contra Creta, que o convertera e transformara; seria o contra-golpe que destruiria o poder de Cnosso”.

Depois que se instalara a supremacia dos Minos, os sistemas de defesa da ilha, como já disse, foram inteiramente esquecidos: os

grandes reis confiavam a defesa ao mar e à sua soberba frota. Mas, agora, os chefes aqueanos dominavam os portos, e os navios cretenses, em viagens comerciais, viviam dispersos pelo Mediterrâneo. Ser-lhes-ia, pois, fácil aniquilar os concorrentes, desde que o golpe fôsse traiçoeiro e fulminante, tal qual sempre sorrira à sua mentalidade...

Em 1400, aproximadamente, foi desfechado contra a ilha o terrível e inesperado ataque. O palácio de Cnosso, incendiado, arruinou-se talvez em algumas horas. Os salteadores só não saquearam o que ficara oculto pelo desmoronamento das paredes. As escavações e as pesquisas vieram provar que, até a véspera do assalto, a vida administrativa transcorrerá normalmente, sem que houvesse a mínima suspeita, o mais leve receio do perigo que se aproximava, o menor preparativo para a resistência...

A deliberação dos aqueanos não era, porém, conquistar apenas Cnosso, mas subjugar definitivamente toda a ilha. Tão generalizada foi a onda de destruição que Evans chegou a atribuí-la a uma revolta da plebe contra o regime monárquico. Glotz, entretanto, recorda que, depois destes trágicos acontecimentos, nunca mais os documentos egípcios mencionaram os *Kefti*... Além disto, não se poderia negar o aparecimento de uma nova população na ilha, porquanto, nos sarcófagos, repentinamente, os crânios braquicéfalos dos nórdicos se tornaram mais freqüentes do que os dolicocefalos. Também, pela primeira vez, apareceram na ilha as casas do tipo europeu e a arquitetura funerária passou a usar os túmulos de cúpula e as câmaras rupestres, com as características da civilização mista da península.

A decadência da civilização minoana fôra definitiva. Sujeita ao domínio estrangeiro, o remanescente da antiga população, depois das tremendas matanças e grandes migrações, passou a vegetar em plena miséria.

Há um fato, contudo, que deve ser pôsto em relêvo: vários grupos, mais ou menos numerosos, da população insular, para fugir ao domínio escravizante dos novos senhores, refugiaram-se, talvez, nos recantos montanhosos do interior da ilha e, aí instalados, não desprezaram seus hábitos intelectuais, continuando a usar os velhos sistemas de escrita e a cultivar, naturalmente, as suas velhas tradições religiosas. Esta feliz circunstância tem, a meu ver, uma significação que não se deve deixar no esquecimento, dadas as suas conseqüências longínquas.

* * *

Há, na civilização insular, um aspecto ainda mal estudado, que, apesar disto, deve merecer-nos, pela sua importância, um interesse

especial: é o espírito missionário de sua religião. Faltam, indubitavelmente, dados preciosos em que se possam basear cogitações seguras sobre assunto de tal relevância, mas notam-se, pelo menos, muitas tradições curiosas, que não devem ser olvidadas. Nem sempre, essas lembranças são puras fábulas, sem fundamento.

Embora resumidamente, antes de examinar as conseqüências da conquista da ilha de Creta pelos aqueanos, tentarei demonstrar que os primitivos e principais criadores e propagadores da civilização cretense foram os representantes de certas organizações, de origem e natureza obscuras, associadas, porém, desde muito cedo, ao culto da *Magna-Mater* e das outras divindades insulares, como se depreende do próprio hino a "Apolo", atribuído a Homero.

Antiquíssimas reminiscências, fixadas pelos historiadores gregos, relatam-nos, a respeito dessas "confrarias", dados interessantes, cujo exame pode, hodiernamente, produzir curiosos esclarecimentos.

Que nos dizem tais lendas? Falam-nos, por exemplo, em "colônias de sacerdotes", chamados *Coretas*, que se vieram estabelecer na Grécia, sob as ordens de Deucalião. Falam, também, dos *Cabiros*, orientados por Cadmo. Referem-se ainda aos *Coribantes* e *Dáctilos*, êste últimos descendentes dos *Coretas*...

Ora, as aludidas tradições, sob certos aspectos, já estão de algum modo esclarecidas. Segundo Diodoro Sículo, dentre tôdas essas confrarias, ou *thiasos* — para usar o termo pré-helênico que as designava — a mais antiga era a dos *Dáctilos*, cretenses de origem, embora, como acima referi, algumas vêzes os filiassem aos *Coretas*.

A dúvida, entretanto, acha-se desfeita, porque já agora se acredita na origem cretense dos *Coretas*, de forma que a confusão entre as duas confrarias parece perfeitamente explicável. Aliás, confusão semelhante se observa em outros casos e, como veremos, justamente sempre pelos mesmos motivos.

Os *Dáctilos* mais conhecidos eram os do monte Ida, da Ásia-Menor, mas tinham indiscutível ascendência cretense. Também da Ásia Menor eram os *Coribantes*, mas êstes de tal forma se confundiram com os *Coretas*, e de tal maneira se associaram ao culto da *Grande Mãe*, que a sua origem cretense se torna quase indiscutível. Mais ou menos o mesmo também se poderá afirmar dos *Cabiros* da Samotrácia, de Lemnos e da Beócia, os quais, em muitos casos, se confundiam inteiramente com os *Coribantes*.

Houve tempo em que se fez grande alarde da influência cultural da Fenícia, a ponto de se pretender referir-lhe os elementos principais da civilização minoana. Esta época passou. A propósito, Gernet e Boulanger, em seu livro *O gênio grego na religião*, baseados em modernas pesquisas, puderam firmar as seguintes noções:

“A ação dos fenícios será possível, mas em época posterior. E a influência que lhes atribuíam, em matéria de religião, reduziu-se bastante com o progresso das descobertas, ou dos estudos: a penetração fenícia não parece atestada em certos cultos da Grécia própria, na Arcádia, ou na região de Corinto, onde acreditaram reconhecê-la; os *Cabiros*, divindades da Samotrácia, devem realmente o seu nome ao semítico, mas como tradução de um nome indígena, e seu culto se mostra essencialmente egeano-asiático”. — “Quanto a Cadmo, já não mais o fazemos fenício...”.

Que dizer dos *Telquinos* de Rodes? Apenas lembraremos que, segundo se acredita, muito cedo os cretenses dominaram a ilha e fundaram as três cidades principais, Ialiso, Camiros e Lindos, além de outros burgos. Existem, de resto, tradições que apresentam os *Telquinos* como originários da ilha de Creta e dão mesmo a esta ilha o nome primitivo de *Telquínia*. Ainda em Creta e na Lícia houve outras confrarias do mesmo gênero, porém menos famosas.

Aceitável ou não a origem puramente cretense destas sociedades ou *thiasos* pré-históricos, o certo é que a maioria — e justamente os principais e mais antigos — surgiu na ilha dos minoanos. Que papel, entretanto, desempenharam tais “confrarias”? De conformidade com Gernet e Boulanger, foram os *Coretas* e *Coribantes* que permaneceram mais vivos na imaginação da época histórica, e houve, até, já nesta quadra, associações com idênticos nomes.

O caráter destas duas confrarias — as primitivas — como o de tôdas as congêneres, que parece mais essencial e que, ao mesmo tempo, é o mais genérico, está nas suas estreitas relações com as origens da magia, de fundo fetichista. Isto significava, a princípio, para o mundo egeano, que os membros de tais agremiações se dedicavam aos trabalhos metalúrgicos.

Esta fama lendária aproxima extraordinariamente todos os grupos. Os *Coretas* inventaram o bronze... Os *Dáctilos* foram os primeiros a trabalhar o ferro... Os *Telquinos*, por sua vez, teriam sido os primeiros a lidar com o bronze e com o ferro... E' fato, entretanto, que estas organizações surgiram, talvez, muito antes de se conhecer o ferro, no Mediterrâneo.

“De modo geral, comentam ainda Gernet e Boulanger, é-nos permitido reconhecer corporações dentre as quais, algumas, como a dos *Telquinos*, têm acentuado caráter de sociedades mágicas, especialmente votadas ao trabalho dos metais, e “zelosos” (é o seu qualificativo habitual) de seus segredos de ofício, ao passo que os *Coretas*, por exemplo, embora sendo grandes metalurgistas, acusam antes o aspecto de confrarias de dançarinos. Mas é natural que estas imagens míticas sejam mais ou menos especiais. Além disto, entre os *Coretas*, vê-se

bem que há um laço prendendo duas atividades. Eles dançam armados; a fabricação das armas de metal, em todo este fundo lendário, é um tema importante: assim, os Telquinos fabricam armas de deuses, entre outras a *harpé* pré-histórica, com a qual Cronos mutilou seu pai Urano. Os Coretas inventaram a pirriquia, que é uma dança armada. São, por excelência, os *Chalkáspides*, os *escudos de bronze* e, como tais, o protótipo mítico desses homens de bronze que surgiram da terra, nas lendas de Cadmo e de Jasão — transposição de um tema de autoctonia, do qual uma forma ainda mais primitiva aparece no mito de Deucalião e no da criação dos primeiros homens, depois do dilúvio”.

Em última análise, estas corporações foram — a princípio — sociedades de mineiros e metalurgistas, dedicados à feitiçaria e extremamente zelosos dos segredos de sua arte. Os membros destes *thíasos* só transmitiam seus conhecimentos técnicos aos próprios filhos, ou “iniciados”, bem como os títulos que, por ventura, houvessem adquirido. Nestas circunstâncias, querendo eternizar a fama ou a glória de um antepassado, nada mais natural do que lhe conservarem o nome, aplicando-o aos descendentes.

Só assim se poderá explicar a existência de um Orfeu no tempo de Danaus e um Orfeu argonauta, fato que se repete com outros nomes célebres da mesma categoria. Autores há que julgam o “orfeísmo” doutrina relativamente moderna no mundo grego. De fato, o “orfeísmo” metafísico está em completa oposição aos conceitos primitivos, que dominavam o velho espírito helênico. Existem, entretanto, “hinos órficos” aos quais não seria lógico recusar enorme antigüidade. Como disse, o nome de Orfeu parece não ter pertencido a uma só personalidade, mas a vários membros de uma organização pré-sacerdotal que, talvez, durante séculos, se tornaram célebres pelos benefícios às primitivas populações das ilhas e da península. Diodoro apresenta-o, aliás, como discípulo dos *Dáctilos*. A Antigüidade consagrou-o como inventor de mistérios religiosos e pai da poesia, gozando alguns dos velhos hinos, que lhe eram atribuídos, do poder de operar certas curas. Mas o que não seria lógico é que se emprestasse a prerrogativa de “pai da poesia” a um herói do VI século. . .

Várias outras personalidades, pertencentes também a um período nebuloso e indiscriminado, possuíram características muito semelhantes as de Orfeu. Museu, por exemplo, também foi poeta, adivinho e curandeiro. Outro herói mitológico, cuja fama ecoava desde os tempos remotos, chamou-se Melampo. Este aprendeu com as serpentes a arte da profecia e a Odisséia ainda se refere a um descendente de sua “nobre raça”.

E’ indubitável que muitos povos, na fase fetichista de sua evolução, consagravam as serpentes como o símbolo da astúcia e da

magia, ou as empregavam na prática de várias superstições. No caso de Melampo, as origens de sua arte divinatória deviam estar ligadas ao culto da *Magna-Mater*. Primitivamente, com efeito, a serpente, ao que parece, representava a própria divindade cretense e, talvez por isto, nunca se pôde compreender a deusa sem êste asqueroso complemento.

Vários representantes dêstes velhos *thiasos* têm sido definidos como fundadores de mistérios; outros, como heróis civilizadores, e parece haver certo fundamento para tais afirmativas. E' claro que a associação de tais elementos às cerimônias religiosas não podia ter-se estabelecido, de início, com tôdas as características, que mais tarde apresentou. E' possível, aliás, que a êstes *devotos* se devam os primeiros esboços de "divinização" da *Grande Mãe*, pois as suas raízes mais fundas deviam firmar-se no fetichismo.

A Dictina cretense era a representação teológica do grande fetiche primordial: a Terra. Deviam, pois, os mineiros primitivos preocupar-se em prestar-lhe culto especial, êles que ousavam rasgar, no seu próprio corpo, profundas galerias, em busca de minérios. Transformavam-se, de algum modo, em verdadeiros sêres ctônios. . . As cavernas eram lugares sagrados, e êles se viam transformados em criadores de cavernas! . . . Talvez haja fantasia em tais conceitos, mas a verdade é que os membros de alguns dêstes *thiasos*, como já ficou dito, foram os criadores da "dança armada", ou melhor, da "dança das armas metálicas", do mesmo modo por que foram, sobretudo, os *chalkáspides*, os *escudos de bronze*. Havia, certamente, nestas danças, um fundo de hoplolatria, o culto fetichista das armas; percebe-se, porém, que consagravam assim os seus trabalhos à deusa, a cujos castigos poderiam expor-se, como profanadores.

Segundo as tradições, os *Coretas*, que receberam dos gregos êste nome porque continuavam a usar vestes femininas (de *Choré*: vírgem), foram também, os iniciadores do cultivo da vinha e da oliveira, fatos que apontam, sem dúvida, a sua verdadeira origem cretense.

Com os *Coretas* se confundiam os *Cabiros*. Também êstes celebravam os mistérios da *Grande Mãe*, por meio de Cânticos e danças religiosas, e julga-se que as sagradas orgias dos tempos históricos já se realizavam em épocas remotas, como cerimônias do culto de algumas divindades egeanas. E' fato, por sinal, bem provado, que a videira era uma das plantas mais cultivadas na ilha de Creta. Glotz diz mesmo que se foram encontrados, nas ruínas de Micenas e Tirinto, resíduos de vinho e pedúnculos de cachos de uvas, não coube, contudo, aos aqueanos, imaginar os têrmos que designavam,

em sua língua, a vinha e o vinho — *oinos*. Também o termo *bótrys*, cacho de uvas, era pré-helênico.

Segundo Filão de Biblos, tradutor de Sanchoniathon, foram os *Cabiros* os inventores da arte de navegar, e os seus descendentes descobriram os recursos para curar as mordeduras das serpentes venenosas, as virtudes das plantas e os cânticos mágicos e sagrados para tratar as doenças. Ao que se depreende, a devoção extremada levou, pouco a pouco, essas confrarias ao papel, pelo menos simbólico, de guardas ou defensores da divindade, incorporando-as, finalmente, ao culto sistemático, como auxiliares das sacerdotizas. E êste pensamento não me parece longe da realidade porque, numa fábula narrada por Oppian, os *Coretas* não seriam mais do que os leões da *Magna-Mater*, metamorfoseados em homens...

Não seria possível descer à análise da evolução dessas confrarias, que tinham, aliás, o caráter de sociedades secretas — mas que valiosos serviços prestaram êstes homens à admirável civilização cretense! Sem referir as artes metalúrgicas, que teriam criado e aprimorado, no mundo egeano, que imenso papel não desempenharam, depois de associados ao culto de Dictina e das outras divindades!

A êles se deve a instituição das danças sagradas e dos cantos corais do culto religioso. Foram os primitivos *aédos*. O “pean” representa, talvez, o primeiro esbôço do verdadeiro gênio poético, para a nossa civilização. A êles coube realizar aperfeiçoamentos notáveis no desenho e na pintura e os ensaios iniciais das artes plásticas, que, em suas próprias mãos atingiram, sob muitos aspectos, um grau de verdadeiro primor.

E, para maior solenidade das cerimônias religiosas, também aperfeiçoaram a música, imaginando os primitivos instrumentos, como a dupla flauta e a lira de sete cordas. E não foram os criadores de sistemas de escrita (que melhoraram gradativamente), de rudimentos de astronomia e do calendário conhecido em Creta? Não toram, também, os prováveis divulgadores, na península, das conquistas da agricultura cretense — o cultivo da vinha, da oliveira, da figueira, de alguns cereais?... Não foram êles os mestres da apicultura?...

Teriam sido, além disto, os primitivos cultores da arte de curar, estabelecendo os rudimentos dos métodos cirúrgicos e estudando os primeiros recursos da terapêutica, pela seleção de plantas que, até hoje, são cultivadas e usadas. Os papiros egípcios sôbre medicina referem, entre as numerosas substâncias de origem vegetal por êles empregadas em terapêutica, o *absintio* e a *menta*, que eram importados de Creta.

Quase sem nenhuma fantasia, por conseguinte, poderemos considerar êstes membros dos *thiasos* pré-históricos da civilização cretense, como verdadeiros heróis humanitários e civilizadores. Mas o supremo serviço que prestaram ao Ocidente foi a sistematização do cerimonial sagrado, base da cultura dos sentimentos religiosos, com algumas características que se não observavam em outras civilizações.

Nos solilóquios de *Prometeu*, envoltas, embora, na fantasia poética, *Ésquilo* indicou, de maneira surpreendente, as principais conquistas dêsses homens. *Prometeu* simbolizava o teocrata que, em face da convulsão social, resultante das invasões, por espírito humanitário rompe com a sua própria casta e vulgariza os seus segredos, sendo por isto perseguido e castigado. Não se lamenta; ufana-se, pelo contrário, e aceita com inteira resignação os tormentos e sacrifícios a que fôra condenado pelo seu altruísmo.

“Meu crime foi premeditado — afirma o benemérito. Sabia que, servindo aos homens, eu me lançava voluntariamente ao castigo!... Sim! Roubei, numa fêrula, a centelha fecunda, a fonte da chama, o fogo, êste mestre que ensinou aos mortais tôdas as artes e é o instrumento de todos os seus bens...”.

E depois dêste conceito admirável, continua a enumerar o que praticou por devotamento a seus irmãos:

“Pús fim aos terrores que o futuro lhes inspirava; depositei-lhes, no fundo da alma, a cega esperança... Outrora, êles viam, mas viam mal; ouviam, mas não compreendiam... Ensinei-lhes o instante em que os astros nascem, e a arte, ainda mais difícil, de observar o ocaso. Fui eu quem, para êles, inventou a ciência dos números, a mais nobre das ciências; para êles formei o conjunto das letras; fixei a memória, a mãe, o instrumento das musas. Fui eu o primeiro que uni, sob o jugo, os animais, desde então escravos dos homens; e o corpo dos mortais sentiu-se aliviado do peso dos mais rudes trabalhos. Fui eu quem prendeu êsses cavalos, dóceis ao freio, aos carros esplêndidos, orgulho da opulência. Enfim, êsses outros carros de asas de linho, que transportam o marinheiro sôbre as ondas, quem os inventou, senão eu?... Outrora, o homem atacado por uma doença, perecia sem socorros. Eu ensinei a composição das misturas salutares, que hoje o preservam de todos os males. E esta outra ciência de aspectos tão vários, a adivinhação, fui eu ainda quem a fundou. Fui eu, ainda, o primeiro que distinguiu, entre os sonhos, as visões que se devem cumprir; expliquei os prognósticos, cuja compreensão ninguém havia esclarecido. Ensinei quais eram os pássaros de feliz e de sinistro augúrio, e indiquei, também, os sinais favoráveis nas entranhas das vítimas... Tais foram os meus benefícios; e não falo dêsses tesouros que a terra ocultava aos homens em suas profundezas,

o bronze, o ferro, a prata e o ouro; quem se poderá gabar de os ter descoberto, antes de mim? Ninguém, sem dúvida alguma, a não ser por tola jactância”.

A análise meticulosa da situação, depois das invasões, mostra que a luta dos europeus contra a organização e o espírito teocrático foi multissecular. A persistência dêste espírito e, mesmo, dos *thiasos* de origem cretense são fenômenos muito obscuros, mas dignos de atenção; aliás, no caso especial da medicina, a sobrevivência dessas confrarias é particularmente característica. Hipócrates II, publicando segredos de sua casta, parece ter aceito o exemplo de Prometeu.

* * *

Examinei, a seguir, as conseqüências da conquista da ilha de Creta pelos aqueanos. A partir desta época, a Argólida tomou a direção do mundo egeano. Constrói-se em Micenas um novo palácio muito maior, muito mais forte e muito mais rico do que o antigo. Em Tirinto, de igual modo, as primitivas edificações foram reconstruídas e cuidadosamente fortificadas, a ponto de fazer-se um túnel de pedra para facilitar a defesa do terceiro cinto de muralhas.

Das regiões setentrionais, onde haviam de se defender da neve e das chuvas, trouxeram os aqueanos para a península um tipo de habitação característico — o *megaron* — cujo sistema de cobertura, em duas vertentes, determinou, sem dúvida, a configuração retangular de suas casas. Quando os aqueanos dominaram Creta, seus arquitetos já haviam adquirido extraordinária experiência, e resolviam com justeza de proporções e tal simplicidade de meios o problema do emprêgo dos materiais que, no dizer de René Dussaud, em sua obra *As civilizações pré-helênicas na bacia do mar Egeu*, os resultados por êles obtidos, neste particular, nunca foram ultrapassados pelos povos da Antigüidade:

A êstes arquitetos se deve um tipo definitivo de construção: o templo grego.

“Os deuses, com efeito, afirma Dussaud, substituíram em suas moradas os monarcas micenianos; o palácio tornou-se templo. Eis por que o templo grego conservou muitos elementos arquitetônicos da época miceniana: os propileus, o plano *in antis*, a anta chamada dórica, a divisão do friso em mélope e tríglifo, etc”.

Estava, assim, a civilização miceniana preparada para se expandir livremente, atingindo os mais afastados recantos do Mediterrâneo, o que de fato aconteceu. Para as operações navais, a conquista de Creta foi elemento decisivo. Com os marinheiros in-

sulares, os chefes aqueanos não tiveram dificuldade em estender seus domínios a Rodas e Chipre, ganhando, em seguida, os portos da Ásia Menor. Nas regiões ocidentais do Mediterrâneo, embora como simples comerciantes, os aqueanos, que já traziam o cobre de Chipre para a Sardenha, daí, beirando o litoral do continente, de pôrto em pôrto, levavam suas mercadorias, seus costumes e idéias até as longínquas regiões da península ibérica.

Embora inferior, sob todos os aspectos, à civilização cretense, a civilização miceniana ganhou-a, assim, em superfície, assimilando populações muito mais consideráveis. Dêste modo, a indústria de utensílios generalizou-se extraordinariamente, não só porque a procura era muito mais acentuada, como também porque havia grande abundância de matéria-prima. A obsidiana fôra inteiramente desprezada. O ferro continuava como metal precioso, mas não faltavam o cobre e o estanho. E os chefes de Tirinto e Tebas, como os antigos reis de Cnosso e Festos, instalaram fornos de cerâmica nas cercanias dos palácios. A produção industrial era, porém, vulgar e grosseira, espelhando bem a intelectualidade dos aqueanos, tão rudimentar que, no continente, a escrita raramente se empregava.

As emigrações continuavam a fazer-se como expedições militares. Não lhes morrera ainda o espírito conquistador, o instinto aventureiro do bárbaro, que deseja enriquecer pelas armas, matar ou escravizar, viver entre a guerra e o gozo material do esforço alheio. Até nós, ainda chegaram as frases de canção característica dêsses guerreiros:

“A minha riqueza é uma grande lança, uma espada e um belo escudo, que me cobre o corpo. Com isto eu trabalho; com isto semeio e faço a colheita do doce vinho da vinha...”.

e asseveravam ébrios de orgulho:

“meu campo irá até onde chegar a ponta da minha espada!”.

A conquista de um dia era o ponto de apôio para o assalto da manhã seguinte. Ainda bem não se haviam apoderado da Síria e já ameaçavam Biblos... Durante mais de um século, comenta Gustavo Glotz, só respeitaram os hititas e os egípcios; mas, preparada a situação, aproveitaram o momento propício, e atacaram e venceram os próprios hititas em Kadesh, no ano de 1295. A falsa convicção do próprio poderio cresceu desmesuradamente. Por fim, certos também de uma grande vitória, aliaram-se aos tirsenos e aos cilicianos e seduziram os líbios para a grande aven-

tura: a conquista do delta do Nilo. Foram esmagados em Píriu! Terminara a éra da expansão imperialista.

* * *

Aproximadamente no ano de 1200, novos e poderosos bandos de um povo indo-europeu, deslizando através do Pindo, avançaram para a península, de vitória em vitória; eram os dórios, os heráclidas, provenientes da Albânia. Descendo, assim, das montanhas do Norte, as primeiras regiões em que penetraram foram a Tessália e a Beócia.

Estas migrações ganharam preciosos esclarecimentos, graças às traduções que o pesquisador germânico E. Forrer conseguiu fazer, não há muitos anos, de uma série de documentos hititas. Estes trabalhos parece demonstrarem, aliás, o verdadeiro valor histórico de muitas reminiscências homéricas, além de provarem que o advento dos aqueanos foi um pouco anterior ao que até agora se tem acreditado.

Quando, mais tarde, depois da conquista da Tessália e da Beócia, os dórios se encaminharam para o Sul, alguns bandos seguiram para o Ocidente e ocuparam o Épiro, e Etólia, a Acarnânia e a Élida, ao passo que outros se dirigiram para o este e se apossaram da Fócida, Coríntia, Argólida, Lacônia e Messênia. No Peloponeso, os aqueanos que se não renderam, fugiram para as regiões vizinhas. Dominada grande parte da península, a onda tempestuosa dos novos invasores, rolou sobre as ilhas, conquistando, sucessivamente, Milos, Tera, Creta, Cárpatos, Cós e Rodes. Não relatarei as minúcias desta convulsão sem precedentes. Fôra tamanha a vaga de compressão que até no delta do Nilo surgiram levadas de fugitivos. Ramsés III houve de combatê-los em Magadil, para evitar o perigo da irrupção inesperada.

Com a invasão destas hordas terríveis, a parte principal do mundo miceniano foi inteiramente aniquilada. Os dórios, possuidores de armas de ferro e, provavelmente, muito mais unidos do que os aqueanos, investiram, palmilhando, aproximadamente, o mesmo caminho dos antecessores, e a sua passagem através da península ficou marcada por um rastro de ruínas. As belas cidades do Peloponeso foram arrasadas furiosamente.

Em Creta, a população fugiu do litoral para as montanhas do interior e Cnosso — os miseráveis restos da lendária Cnosso — foi, de novo, entregue às chamas.

“Desta vez, diz Gustavo Glotz, tudo estava definitivamente acabado para a cidade que outrora fôra a senhora do Mediterrâneo. Sobre os negros escombros, que os séculos soterraram, três mil anos vão decorrer sob um silêncio de morte!”

A civilização do bronze sucumbira definitivamente diante do aparecimento do ferro. Cumpre-me, entretanto, fazer um pequeno reparo: êsses dórios, como se sabe, pertenciam à mesma etnia dos aqueanos, falavam um dialeto da mesma língua, e tinham, naturalmente, idêntica religião — o mesmo rudimentar politeísmo, com os mesmos deuses e deusas. Variava, provavelmente o supremo nume “nacional”, mas a verdade é que, sob o aspecto religioso, seria difícil acreditar na possibilidade de profundas perseguições, ou completa destruição do que existia. Pelo contrário, os santuários, ao que parece, foram respeitados. Os deuses aqueanos, que de Dódona tinham vindo instalar-se no Olimpo, aí permaneceram. Apolo, que já se havia apossado de Delfos, não se deixou vencer.

“Em seguida, diz o hino atribuído a Homero, tereis outros senhores, aos quais estareis sempre sujeito por necessidade...”.

Mas, se Apolo houve de lutar com o Hércules dórico pela posse da trípole, a verdade é que permaneceu sob o Parnaso.

Neste particular, a herança de Hércules foi, por tôda a parte, insignificante...

* * *

Augusto Comte, ao estudar a *Transição Ocidental*, isto é, ao considerar o desenvolvimento progressivo de nossa civilização, demonstrou a conveniência filosófica de compreendê-la em três fases distintas, constituindo evoluções sucessivas:

- 1a. fase: — *intelectual*, que foi a evolução *grega*;
- 2a. fase: — *social*, que foi a evolução *romana*;
- 3a. fase: — *sentimental*, que foi a evolução *católico-feudal*.

Uma das finalidades dêste ensaio é mostrar, em consonância com a moderna orientação histórica, que a civilização eolo-jônica deve ser encarada, principalmente, como uma espécie de renascimento do antigo espírito cretense, liberto, pelas circunstâncias, dos rígidos cânones teocráticos de sua última fase.

A *evolução grega*, como se sabe, realizou-se em três períodos, também relativamente caracterizados, sendo o 1.º) *estético*, e o 2.º) *filosófico* e o 3.º) *científico*.

Para ser mais claro, dedicarei algumas páginas ao surto estético, e especialmente à personalidade de Homero, antes de cuidar do aparecimento de Tales de Mileto, que marcou o início do segundo período.

* * *

Ao que se acredita, quando os dórios chegaram à Tessália e à Beócia provocaram imediatamente uma grande migração. Essas regiões estavam, então, ocupadas por outros grupos de indo-europeus, aparentados com êles e com os aqueanos e vindos também dos Balcãs, não muito depois destes últimos, que se haviam dirigido para o sul. Tinham êsses grupos, provavelmente, origens diversas, embora pertencessem à mesma etnia. Faziam parte, talvez, de várias tribos, e ainda se tinham unido a outros, que refluíram das regiões central e setentrional da península. Tomaram, por isto, em conjunto, o nome de *eólios*, vocábulo que significa — *sangues misturados*.

Êstes eólios, como vimos, nenhuma dificuldade séria opuseram mais tarde, à civilização miceniana, que se expandiu a partir do Peloponeso; pelo contrário, facilitaram-lhe a rápida penetração e a assimilaram inteligentemente, como comprovam as ruínas do palácio de Tebas.

Terrivelmente espicaçados pelos dórios, que se achavam no auge de sua fúria, muitos dêles fugiram da Tessália e da Beócia, e se foram estabelecer ao noroeste da Ásia Menor, em região que, aliás, já recebera o nome de Eólida, em virtude de anteriores invasões parciais dêsses mesmos guerreiros.

Já me referi às importantes e curiosas traduções de E. Forrer, que provaram a realidade de muitas referências homéricas. Para alguns autores — e o conceito é realmente sedutor — foi talvez esta a época em que se desenrolaram os violentos episódios, tão profundamente gravados na memória de tais provas. A questão não é clara; parece, entretanto, que, mais tarde, pouco a pouco fantasiados e desenvolvidos pelo gênio poético, serviram de inspiração a Homero. Os ecos dessas lutas prolongadas e sangrentas, travadas entre os "indígenas" e os eólios, quando êstes últimos se assenhorearam das ilhas de Lemnos e de Lesbos e do litoral asiático, conservaram-se em boa parte, grupando-se em tórno do principal episódio — o cerco de Tróia — tema da *Iliada*.

Julga-se, geralmente, que Homero haja surgido três a quatro séculos depois da invasão, e tudo leva a crer seja êle, com efeito, o fruto mais portentoso dêsse ambiente de inspirações heróicas; seria natural de Esmirna, como afirmam certas tradições. Esta noção se reforça, porque agora se acredita que Homero não tenha feito referência a uma aliança dos reis do Peloponeso, para o cerco de Tróia. Aristarco, o mais célebre gramático da escola de Alexandria, já notara que o autor da *Iliada* não se reportava a outra Hélada que não fôsse a Ptiótida; e A. Jardé, em sua belíssima obra *A formação do povo grego*, esclareceu convenientemente a dúvi-

da, quando afirmou que os “aqueanos” de Homero eram os súditos de Aquiles, e que a planície, onde reinava Agamenon, “a Argos nutridora de cavalos”, somente podia ser a Argos pelásgica, centralizada em Larisa. Na Argólida, com efeito, jamais abundaram cavalos.

Foi na Eólida que surgiram as primeiras florescências da civilização que se chamaria “grega”. No século seguinte ao de Homero, também na Eólida parece ter nascido Hesíodo. Seu pai, pelo menos, era natural de Cume, e certamente descendia de antigos refugiados, originários da Beócia. Naturais da ilha de Lesbos foram também Arion, Terpandro, Alceu, Helânico e as célebres poetisas Erina e Safo, ou melhor, Sapfo, pois assim era o seu nome no dialeto eólio.

A propósito dêsse admirável surto poético inicial, julgo interessante traçar breves comentários, capazes, a meu ver, de facilitar a compreensão de muitos fatos obscuros.

Baseando-me nas reflexões de vários autores, e mesmo, diretamente, no teor de diversos textos, parece-me quase certo que muitas das produções poéticas dos eólios e jônios primitivos foram simples versões, ou antes, adaptações de fábulas e hinos cretenses, ou pré-helênicos. E' bem possível que as próprias extravagâncias de certas fábulas hajam decorrido dos erros ou defeitos das interpretações dos tradutores. O certo é que, entre os hinos atribuídos a Homero, alguns relativamente modernos em sua forma grega, conservam, sem nenhuma dúvida, pormenores e tradições de velha origem teocrática egeana. Assim, também, certas passagens dos grandes poemas.

E' indubitável que a língua dos cretenses tivera de evoluir a ponto de satisfazer a tôdas as exigências técnicas e artísticas de uma civilização, sob certos aspectos, bem mais espiritual e mais apurada do que a egípcia.

Gustavo Glotz, em notável conferência intitulada *Os poemas homéricos antes de Homero*, entre muitas provas que demonstram ter o incomparável cantor utilizado, em diversos trechos de seus poemas, informações obtidas em documentos muito antigos, lembra a descrição da dança cretense,

“em um côro semelhante ao que, outrora, na vasta Cnosso, Dédalo construiu para Ariádne, a da bela ca-beleira”.

Como poderia ter Homero conhecimento da existência dessa *orquestra*, dêsse côro, na célebre capital minoana, quando o mesmo jazia invisível, sob as ruínas do palácio, desde a invasão dos dórios, em 1200? E, no entanto, não há dúvida, que a descrição corresponde ao teatro descoberto por Evans, em princípios dêste século.

Não seria fácil combater êste ponto de vista; mas o que me parece difficilimo, todavia, é acreditar que êsses cânticos inspiradores pudessem conservar-se, atravessando os séculos, por mera tradição oral, e ao demais vasados numa língua morta, ou que estava a morrer...

Em relação a certos fatos e episódios, a afirmativa de Glotz é incontestável. Tinha pensamento semelhante Pierre Laffitte, ao asseverar que já se cultivava a poesia, em tôda a "Grécia", muitíssimo antes de Homero, pois obras como a *Iliada* e a *Odisséia* não podiam ter surgido sem que, prèviamente, se houvesse processado considerável desenvolvimento estético.

Tive ocasião de lembrar que os "thíasos" cretenses, cuja influência necessariamente diminuiu muitíssimo, depois das invasões, criaram um poderoso esbôço de tôdas as artes, a começar pela poesia. Assim, pois, os mais antigos cantores profanos devem ter sido meros continuadores dêsses teocratas, aproveitando em suas poesias as máximas e ficções de seus antecessores. Charles Picard, por exemplo, em seu livro *As origens do politeísmo helênico*, recorda que, nos poemas homéricos se encontram alusões aos argonautas, aos combates diante de Tebas, aos trabalhos de "Hércules" e à paixão de "Demeter"... A seu ver, isto significa já ser bem conhecida, antes de Homero, a maior parte dos temas fundamentais da mitologia "grega". Ora, alguns dêsses temas não eram indo-europeus.

Em face de tais idéias, parece-me que vem a propósito referir, de passagem, uma questão suscitada pela admirável personalidade do vate de Esmirna. Nas últimas décadas do século passado, o tudesco Wolf (pensamos que na terceira edição de seus prolegômenos às obras do grande poeta) formulou uma célebre "teoria", que, para maior brilho, resumiu nesta curtíssima sentença: "Homero nunca existiu". Pecava, aliás, por falta de originalidade, porque J. B. Vico, de Nápoles (1668-1744), fôra dos primeiros a apresentar os grandes heróis da Antigüidade como puros mitos, ou personificações de certas épocas, sentimentos e interêsses...

As idéias de Wolf, embora abstrusas, tiveram, na época, fervorosos defensores, mesmo em França. Note-se, entretanto, que o argumento mais sério apresentado pelos entusiastas da concepção wolfiana contra a elevada antigüidade dos poemas, vale dizer — a impossibilidade de fixá-los pela escrita, que ainda não existia — é hoje duvidoso e desvalorizado.

Não deixa de ser interessante lembrar que Diodoro Sículo, ao se referir à mitologia cretense, dizia que as Musas haviam recebido de seu pai o dom da invenção das letras e das composições poéticas; e que se os gregos davam às letras o nome de "caracteres fenícios", não era por terem sido os fenícios os seus verdadeiros inventores, mas,

apenas, porque lhes mudaram o tipo. Sabe-se, hoje, que os historiadores cretenses, em que se estribara Diodoro, tinham base para fazer tal afirmativa, pois, mesmo depois da invasão dórica, que extinguiu parcialmente a escrita cretense, os egeanos continuaram a usá-la, em escala bem apreciável.

Uma antiga tradição, também conservada por Diodoro, dizia que Limes escrevera com “letras pelásgicas” a história do primeiro Baco e vários outros mitos, e que Orfeu e Pronápides, êste último mestre de Homero, dotados ambos de grandes talentos para as composições poéticas, usavam também a escrita pelásgica.

Em princípios de 1924, os resultados dos trabalhos arqueológicos franceses, na Síria, vieram demonstrar, surpreendentemente, que as origens do chamado alfabeto fenício eram muito mais remotas do que até então se acreditava. Pierre Montel, descobrindo, em Biblos, um sarcófago, contemporâneo de Ramses II (1300-1234), em cuja tampa se traçara, com caracteres fenícios, o epitáfio de um rei, demonstrou que êste alfabeto já se achava completamente constituído, desde o século XIII. Na sua formação, foram aproveitados caracteres egeanos e egípcios.

Na opinião de Gustavo Glotz, pode admitir-se que o conhecimento dos caracteres egeanos, na Síria, se prende às relações com os micenianos e, talvez, mais especialmente, à presença dos danaúnas, nas cercanias de Biblos, desde o início do século XIV. A verdade, entretanto, é que os próprios *Kefti* exerciam sensível influência nestas regiões na época de Tutmés III, pois, em 1467, foram os navios cretenses que transportaram madeira da Síria para o Egito, por ordem dêste faraó.

Homero tinha, aliás, conhecimento da existência de um sistema de escrita usado entre os aqueanos, sistema que, também, não devia ser ignorado nas costas da Ásia Menor, tanto que, numa passagem da *Iliada*, se refere a tabuinhas ou barras, cobertas de sinais, enviadas por Belerofonte ao rei dos licianos.

Prampolini, em sua *História Universal da Literatura*, faz referência a um fato muito interessante: a descoberta de uma caixa, na época romana, contendo barras, nas quais estava escrito um compêndio abreviado das epopéias homéricas. A pessoa que a descobriu, um certo Dictis de Creta, foi ainda capaz de ler aquela escrita singular e traduzi-la para o latim.

Infelizmente, Prampolini deixou de mencionar a fonte em que colheu semelhantes fatos. O que de mais exato existe, entretanto, sobre o assunto, parece-me que é o seguinte: não consta que Dictis tenha sido mero tradutor; apresentou-se, pelo contrário, como companheiro de Idomeneu, no cerco de Tróia, onde redigiu um diário

dos acontecimentos, em língua grega, empregando, porém, caracteres “fenícios”. Não usou as barras, a que alude Prampolini, mas uma espécie de papiro, preparado com cascas de *tília*. De conformidade com o último desejo do autor, as suas efemérides, foram enterradas com êle, em Cnosso, onde nascera.

Claro é que esta história não pode merecer maior atenção. O seu prosseguimento, todavia, é bem curioso. No décimo ano do reinado de Nero, isto é, no ano de 64, um tremor de terra abalou o território cretense, descobrindo-se, então, o velho túmulo de Dictis. Alguns pastores, apoderaram-se da caixa de chumbo, contendo o pergaminho, e acabaram por entregá-la a seu próprio amo. Este homem, Praxis, ou Euprácidas, enviou o precioso manuscrito ao imperador romano, que, então, o mandou “traduzir” para o grego.

No terceiro ou quarto século de nossa éra, um certo Q. Septimus, ou Septimius, verteu para o latim o velho texto grego, texto que realmente existiu, embora as suas cópias se tenham perdido inteiramente no século XV, pois vários foram os historiadores bizantinos que ainda o citaram. Ora, o manuscrito mais antigo dos grandes poemas de Homero, conhecido no Ocidente, é, na melhor hipótese, do século IX. A tradução de Q. Septimus ainda hoje existe, e a sua fidelidade parece perfeita, não só pelos inúmeros helenismos, como pelo confrônto de alguns trechos, que pode ser feito com os fragmentos transcritos pelos historiadores bizantinos, acima aludidos. Esta tradução intitula-se *De Bello Trojano* e a sua edição *princeps* foi feita em Milão, no ano de 1477.

Num ponto, por conseguinte, Prampolini parece ser exato. A obra de Dictis foi conhecida, no Ocidente, muito antes dos poemas de Homero e teve grande influência literária durante a Idade Média. E’ mesmo interessante notar que a primeira edição da *Iliada* e da *Odisseia*, feita em Florença por Demétrio Chalcondylo, só apareceu em 1488, vale dizer, onze anos depois da obra de Dictis.

Dêsse complicado episódio, creio que dois fatos principais devem ser postos em relêvo: a existência real do texto grego, em estilo rude e primitivo, e a sua origem cretense, quase certa. Por isto mesmo, a tradução latina, talvez mereça, atualmente, um estudo especial.

* * *

Penso que êstes rápidos comentários sôbre o surto estético na Eólida terão sido suficientes para também esclarecer, em boa parte, as verdadeiras origens da brilhante civilização jônica.

Realmente, à medida que os dórios se encaminharam para o sul, grande parte da população da península fugiu, tal como se observara na Tessália e na Beócia. Muitos dos habitantes do Pelo-

poneso pediram asilo aos irmãos da Ática; mas eram em grande número e não podiam acumular-se e permanecer aí. Talvez mais heterogêneos do que os eólios, êstes emigrantes e os da Eubéia, da Argólida, e até de Pilos, ocuparam, sucessivamente, as Cícladas, instalando-se, por fim, também no litoral da Ásia Menor, ao sul da Eólida.

Tal foi a origem da Jônia, que, a princípio, compreendia doze cidades. Mais tarde, porém, os jônios de Colofônia se apoderaram de Esmirna, que ficava ao norte; e, ao sul, Halicarnasso (nome de provável origem cretense), ocupada, embora, pelos dórios, incorporou-se à Jônia, por ter violado as leis religiosas, que a ligavam às quatro cidades irmãs. Delos, tornou-se o centro religioso da nova sociedade.

Os jônios, ou iônios, segundo suas tradições, compreendiam quatro tribos, ou grupos, formados pelos descendentes dos quatro filhos de Ion. Parece-me que, sem grave êrro, podemos confundí-los com os próprios aqueanos. Muito melhor do que os eólios, transportaram êles para o novo meio geográfico a herança creto-micênica, e, por isto mesmo, seriam os verdadeiros continuadores desta civilização. Assim, após alguns séculos de fermentação — uma espécie de *Idade Média* — prosseguiu o desenvolvimento da cultura inicial, mas já então, como veremos, em condições sociais ótimas para um vigoroso surto.

Na Lacedemônia e nas outras regiões ocupadas pelos dórios, ao contrário, até a época da guerra do Peloponeso, nem as artes eram cultivadas, porque êstes “arianos”, que haviam conservado o ânimo militar arcaico, só admiravam a força e a bravura, desprezando a cultura da inteligência. Afirma Plutarco que os chefes espartanos só aprendiam a ler e escrever porque isto lhes era indispensável, e Tucídides aponta, como verdadeiro prodígio, o caso de Brásidas, um de seus generais, que possuía certo talento oratório. Aliás, os aqueanos, ao invadirem a península, tinham êste mesmo caráter bronco e materialista.

Quais foram, porém, as condições que determinaram o rápido progresso da Jônia? Antes de mais nada, deve levar-se em conta a multiplicidade da proveniência dos refugiados, sem esquecer que a maior parte se transferira dos pontos mais florescentes do Peloponeso, e, em geral, de quase tôda a península. Esta sociedade, assim constituída de elementos tão diversos, devia apresentar os mais variados caracteres, com diferentes idéias, tendências e aspirações, formando-se mesmo um verdadeiro escol, de amplitude ainda não observada em épocas anteriores.

Do convívio forçado de tais elementos, resultaria, necessariamente, o abrandarem-se os preconceitos, a ponto de se criarem, nos espíritos mais ativos, prenúncios de emancipação espiritual bem per-

ceptíveis. Não nos parece exagerada esta idéia, e o próprio Homero, que muitas vêzes demonstra tal disposição, caracterizara êste estado psíquico, atribuindo a Agamenon palavras que denunciavam claramente o seu desprezo pelas superstições em voga. Nem outro sentido pode ter a resposta do *Rei dos Reis* a Calcas Testórides, mestre de áugures.

Na Jônia êste fenômeno devia ser bastante freqüente, pois, de mais a mais, a princípio, nem haveria o risco de perseguições de cunho religioso, em virtude da desorganização, que ainda reinava.

Outro fator importante para o rápido desenvolvimento dêste estado de coisas, segundo Jardé, foi o íntimo contacto com os habitantes primitivos da região. Os eólios, para se fixarem na Ásia, tiveram de lutar brava e longamente. Os jônios, pelo contrário, acharam-se entre populações acolhedoras, que sempre mantiveram relações com os povos vizinhos e que, por isto mesmo, desde época remota haviam sofrido grande e benéfica influência dos minoanos. Pode mesmo acreditar-se que, tanto nas ilhas como no litoral asiático, houvesse povoações de origem acentuadamente cretense.

Diodoro da Sicília, repetindo Tucídides, diz que as Cícladas eram ainda desertas, quando Minos, com fôrças numerosas, fundou o seu império naval, e fêz partir de Creta diversas colônias. Povoou, assim, a maior parte dessas ilhas, distribuindo as terras a seus súditos, e se tornou senhor de grande parte do litoral da Ásia, tanto que vários portos, insulares e continentais, ainda guardavam os nomes cretenses. Hoje sabemos que êsses conceitos nada têm de fabulosos.

Os refugiados, quase todos, haviam entregue ao furor dos dórios suas mulheres e bens, de jeito que, chegados às novas terras, logo procuraram ligar-se às mulheres egeanas. No sexto século, nota-se que já se estabelecera completa unidade entre todos os elementos dêsse novo mundo. Tal homogeneidade traduziu-se claramente na língua, pois se de fato existiam quatro dialetos, as diferenças se apagavam na língua escrita, uma vez que as inscrições em tôdas as cidades eram redigidas do mesmo modo. Êsse jônio das inscrições será o idioma da nova civilização, porquanto, como língua semi-artificial, cheia de expressões abstratas, pôde tornar-se o notável instrumento de comunicação em que apareceram, desde logo, as criações intellectuais, inicialmente poéticas.

Das cidades da Jônia, e sobretudo de Mileto, partiam, em tôdas as direções, navios carregados de tecidos e outros produtos industriais, sob a proteção de poderosa marinha de guerra. O acúmulo de riquezas favoreceu, desde logo, os lazeres necessários ao cultivo das artes, da filosofia e das ciências fundamentais. Voltando novamente às relações pacíficas com o Egito e com o Oriente — como nos tem-

pos áureos das civilizações cretense e miceniana — o espírito dêste povo tornou-se rapidamente fecundo, aprofundando-se, pouco a pouco, a ponto de oferecer à Humanidade algumas de suas conquistas definitivas. Penso mesmo que, se levarmos em conta a época e a insignificância numérica da população, será difícil, certamente, encontrar, em tôda a história de nossa espécie, fase tão interessante. Para reavivar, por um instante, todo êste fulgor, basta-me referir os nomes imortais de seus inovadores: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito, Anaxágoras, Demócrito, Leucipo e o admirável Pitágoras, para citar, apenas, os mais famosos.

Na Eólida, em face das circunstâncias heróicas de sua formação, madrugou o sentimento poético; na Jônia, as manifestações intellectuais não foram tão precoces, mas preponderou o gênio filosófico, e mesmo científico, sempre muito mais raros. E' mister não olvidar, entretanto, que, em ambos os casos, a base mais considerável dêste progresso foi, inicialmente, a civilização miceniana, ou melhor, a cultura cretense, a verdadeira base da cultura dos aqueanos. Quanto mais progride a história, afirma A. Reinach, mais se compreende que a "Grécia jônica" foi quase, para a "Grécia minoana", o que o Renascimento italiano foi para a civilização greco-romana.

E' necessário, realmente, não esquecer que as idéias gerais dos filósofos jônicos já se encontravam nas produções poéticas, e que a origem dessas produções, esteve inicialmente, na poesia teocrática. Sprengel frisa, com certa realidade, estas circunstâncias que, aliás, merecem atenção:

"Os gregos estreadam, diz êle, não por especulações a propósito do modo de satisfazer as suas necessidades, nem pelo estudo aprofundado da estatística e da legislação, mas por penosas pesquisas acêrca da origem do mundo, da natureza de Deus e da alma, da grandeza e dos movimentos dos corpos celestes, porque já encontraram a matéria nas suas poesias nacionais. Por isto mesmo, os primeiros sábios usavam sempre expressões figuradas ou poéticas, quando queriam expor suas opiniões sôbre a essência e origem dos seres".

Antes da escola de Mileto, não havia, realmente, diferença basilar entre poesia e filosofia; os teocratas "filosofavam" em verso, e, segundo recorda Fontenelle, Tales foi dos últimos a poetar como filósofo.

* * *

O símbolo mais característico da civilização jônica é, sem nenhuma dúvida, a figura admirável de Tales, glória perene da Humanidade. De acôrdo com a cronologia de Volney, viveu aproximadamente de 640 a 557 a. C. As tradições a seu respeito, embora

escassas e nebulosas, o fazem provir, talvez pelo lado materno, de antiga família ligada a uma das confrarias cretenses, pois, no dizer de Platão, o filósofo descendia de Cadmo, e hoje reconhecemos que essa figura lendária não era originária da Fenícia. Estaríamos, assim, pelo menos, diante de coincidência interessantíssima, que explicaria a herança de intelectualidade do chefe da “escola” miletiana. Seja como fôr, o certo é que a fundação de Mileto se deve aos cretenses. Além disto, junto do grande pôrto, encontraram-se, sob o velho templo de Atena, restos de casas pré-históricas com abundantes destroços de vasilhame miceniano.

De conformidade com uma observação de Diógenes Laércio, Tales nunca tivera mestres, mas esta afirmativa é necessariamente absurda, pois ninguém poderia afirmar que o filósofo, antes de atingir a plena maturidade intelectual, não haja assimilado todos os conhecimentos de sua época, e que o tenha feito sem o auxílio direto de quem os pudesse ministrar sãbiamente; pelo contrário, tudo leva a crer que procurara instruir-se com os melhores mestres.

A tradição refere-se, por exemplo, a certo Eufórbio, “que fôra o primeiro a desenhar figuras geométricas”. Segundo uma passagem dos *Iambos*, de Calímaco, Tírión uma vez encontrara Tales, já idoso, a reproduzir, no solo, a figura geométrica inventada por Eufórbio... Vê-se, pois, que a geometria o empolgou até o fim da vida!

Por outro lado, se verdadeira a viagem de Tales ao Egito, onde fôra “gozar da palestra dos sacerdotes e astrônomos do país” — tal qual se lê numa carta que lhe é atribuída — também nesta carta se encontra referência à sua viagem à ilha de Creta, que visitou “por curiosidade”. Esta visita poderia, talvez, demonstrar a projeção que, na época, estavam tendo as concepções dos *coretas* cretenses, cujos ecos chegavam naturalmente até a Jônia.

* * *

Existem algumas tradições que, embora inseguras, levantam, como já disse, certa dúvida, quanto aos extermínio total das organizações teocráticas de Creta, mesmo depois da esmagadora invasão dórica. Raros, infelizmente, são os dados que possuímos, embora conjecturais, sobre tal sobrevivência, mas, se pouco se sabe, parece-me que êste pouco não deve ser desprezado.

Aristóteles, Plutarco, Estrabão e mesmo Pausânias fazem referência a certo Tales, ou Taletas, de Gortina, cidade cretense, o qual por várias vêzes foi chamado a Esparta, em épocas de epidemia, e logrou adquirir ilimitada confiança dos lacedemônios. Dizem as tradições ter sido êle quem introduziu, na bárbara capital dos dórios, os hinos religiosos e as danças dos *coretas*, propondo, além disto, princípios mais cultos de organização social, que foram aceitos

e postos em vigor por Licurgo, contemporâneo de Homero. Não é fácil, contudo, determinar a época exata da atuação de Tales, em Esparta. Este *coreta* foi também considerado como um dos fundadores da música, entre os gregos, e, de fato, há excelentes motivos para se acreditar que as origens da verdadeira arte musical dos helenos foram quase totalmente cretenses. Quando se instituíram os prêmios de cítara e canto sagrado, no santuário de Delfos, o primeiro vencedor, segundo Pausânias, foi Crisotemis, o cretense.

Há fatos que nos fazem crer tenha a ilha de Creta guardado por muito tempo, quase intactas, as versões de suas lendas primitivas. Provavelmente, houve *thíasos* que não abandonaram os recantos sagrados das montanhas da terra natal, e que aí cultivaram, através dos séculos, até a época histórica, as suas tradições religiosas. Muitos destes homens sabiam ler e escrever e mantiveram os seus hábitos intelectuais. Estas circunstâncias permitiram a Creta conservar sua reputação religiosa, e, por isto mesmo, os gregos sempre a consideraram o mais célebre foco, não só da arte divinatória, como da purificação. Gortina, ao que se deduz, foi um centro religioso de grande importância, quer durante a civilização cretense propriamente dita, quer mais tarde, pela sua provável influência na "recomposição" do politeísmo grego. O templo de "Apolo", justamente no centro da cidade, tinha as paredes cobertas de inscrições. Aliás, segundo informa autorizadamente Ângelo Mosso, em seu curioso livro *Pré-história no Mediterrâneo*, a ilha de Creta possui, sozinho, quase maior número de inscrições arcaicas do que as outras regiões da Grécia reunidas, e esses trabalhos, é claro, não se podem atribuir diretamente aos dominadores dórios. Os templos, com efeito, eram revestidos de inscrições de códigos e decretos, de leis sobre assuntos especiais de direito público, sagrado, ou privado, que se promulgavam, esculpindo-os nas paredes dos edifícios. Os textos mais arcaicos e, por isto mesmo curiosíssimo, são o que foram a paredes do santuário do "Apolo Gortínio". Acham-se inscritos com caracteres da mais primitiva forma do alfabeto grego, até agora conhecida, fato da maior significação histórica. A grande inscrição de Gortina — no gênero, a maior do mundo — data do sexto século. As menores são ainda mais antigas.

Para reforçar este ponto de vista, cumpre-me recordar que, um pouco mais tarde, outro cretense adquiriu fama extraordinária: foi Epimênides de Cnosso, ou de Festos. Este *coreta* era, ao mesmo tempo, taumaturgo e purificador, profeta e divulgador das idéias religiosas de sua casta. A descoberta da *República dos Atenienses*, de Aristóteles, veio demonstrar o caráter histórico de sua curiosíssima personalidade, e proporcionar uma nova orientação aos historiadores. Aceitando-se os fatos na ordem da exposição do estagirita, podemos

considerar que a viagem do purificador cretense a Atenas deve ter-se verificado, aproximadamente, no ano de 625. Contemporâneo de Dracon, parece muito provável que Epimênides tenha sido seu auxiliar no estabelecimento da nova legislação. Que a influência teocrática, nesta legislação, foi profunda, é indubitável, bastando recordar as perseguições que em Atenas sofreram vários filósofos. Vê-se, pois, que, se Tales de Mileto não foi contemporâneo, surgiu pouco depois dêste célebre *coreta*, havendo, assim, motivo para a sua visita à ilha de Creta, nessa época de “renascimento”, embora fugaz.

Não há lugar, aqui, para um confrônto minucioso entre a atuação de Tales de Gortina, em Esparta, e Epimênides, em Atenas, mas, o que fica em relêvo é, principalmente, a identidade de origem de ambos, a semelhança de suas individualidades e dos papéis que desempenharam. Mais tarde, muitas lendas transformaram Epimênides num ser quase mitológico, mas a verdade é que o seu papel principal, em Atenas, foi o de purificador. Ateneu, louvando-se numa velha obra de Neanto de Cízica, conta que, ao fazer-se esta purificação, ou *catarse*, segundo as diretrizes impostas por Epimênides, foi sacrificado um rapaz, que, então, se ofereceu em benefício da cidade. Diógenes Laércio também se refere a êste episódio, tradição verossímil, aliás, porquanto imolações dêste gênero se efetuaram na Grécia, mesmo em épocas mais próximas. E' muito provável que êsses sacrifícios tivessem origem em credices insulares, de fundo fetichista, pois quase sempre eram aconselhados pelos *proietas* e *adivinhos*.

Istros, na sua *Coleção de sacrificios cretenses*, refere que os *coretas*, primitivamente, sacrificavam crianças ao velho deus “Cronos”, e a lenda relativa ao nascimento de Zeus não deixa, de algum modo, de confirmar a sua possibilidade. O sacrificio do jovem ateniense lembra-nos a época em que a sua cidade era obrigada a enviar, anualmente, a Creta, sete moças e sete rapazes, para serem sacrificados ao Minotauro. A meu ver, a opinião de Aristóteles, a respeito, é, talvez, demasiadamente benévola...

* * *

A figura de Tales de Mileto foi, para o próprio mundo grego, uma famosa tradição de genialidade; nada mais do que uma tradição. A êle se referiram, principalmente, Diógenes Laércio, Heróroto e Aristóteles. Mas, já na época do grande estagirita, todos os seus escritos — se por ventura deixou algum — infelizmente se haviam perdido.

Fiz anteriormente algumas referências às suas prováveis origens. Tendo em vista completar o presente ensaio, resta-me, pois,

tecer uma ligeira apreciação de sua obra, baseada nos ecos fugazes, que até nós chegaram. Para torná-la mais precisa, dividi-la-ei por assuntos, uma vez que o célebre milesiano, como, de resto, todos os seus discípulos, não foi apenas geômetra e filósofo; dedicou-se, também, a diversas funções práticas, sobretudo políticas e sociais. Examinarei, assim, as suas atividades, em primeiro lugar como político e moralista, e após como matemático, astrônomo e filósofo.

Política. — No dizer de Laércio, Tales pertencia a uma nobre família, rica e influente. Talvez, por isto, no início de sua carreira, cuidou ativamente das coisas públicas, numa época difícil para sua pátria, em face das lutas entre Creso e Ciro.

Tendo, então, Creso solicitado aos milesianos que a êle se aliassem para combater o fundador do império persa, Tales a isto se opôs, conseguindo, com o sábio conselho, a salvação de Mileto. Os milesianos, por êste motivo, foram o único povo da Jônia, com o qual Ciro se viu na contingência de firmar uma espécie de tratado de paz e amizade.

Aliás, ante a aproximação do perigo persa, Tales propusera a união federativa dos jônios, para que se pudessem impor ao futuro inimigo. Seria, assim, estabelecido em Teos, no centro da Jônia, um conselho geral para tôda a nação, sem com isto alterar o governo das cidades, que continuariam a seguir seus costumes particulares. Mas êste conselho de verdadeiro estadista não foi aceito pelos jônios, que, logo depois, se viram castigados com a escravidão e a desgraça.

Moral. — Talvez, acabrunhado com a situação deplorável da maior parte da Jônia, haja o filósofo resolvido isolar-se, consagrando-se ao estudo e à meditação, ou, como disse um historiador, à “contemplação da natureza”. Neste retiro, iniciaria, possivelmente, as suas primeiras reflexões sôbre os problemas geométricos e filosóficos, dando-lhes a nova orientação, que o consagraria como um dos mais poderosos gênios, de todos os tempos.

O chefe da *confraria* de Mileto, entretanto, foi também um moralista; não que deixasse algum “tratado” especial sôbre a matéria, mas por um conjunto de *pensamentos* e *máximas*, conservados pelos discípulos, e que bem demonstram a elevação de seu espírito e as suas preocupações sociais. Diógenes Laércio procurou reuni-las em sua notícia sôbre o grande milesiano. Dentre estas fórmulas, a mais profunda é, sem dúvida, a que encerra o célebre conselho: *conhece-te a ti mesmo!* Lembra frequentemente por todos os filósofos gregos posteriores, bastaria, portanto, para imortalizá-lo. Percebe-se nela, contudo, um ressaibo da velha cultura teocrática.

Matemática. — No tocante aos assuntos geométricos, as tradições relativas a Tales de Mileto referem-se, em última análise, a

duas questões de suma importância, levando-se em conta a época em que foram tratadas. A primeira, de ordem prática, consistia em medir a distância em que se achava um navio, detido ao largo do litoral; e a segunda, de caráter teórico, resumia-se em mostrar que todos os triângulos, inscritos numa semi-circunferência, eram retângulos.

Quanto à primeira proposição, o que se pode afirmar é que, mais de mil anos antes de Tales, os egípcios, cogitando da medida do *sqt* de uma pirâmide, sabiam muito bem considerar os números proporcionais, e é muito provável que este conhecimento se haja difundido entre os minoanos, pois, como oportunamente lembramos, os “engenheiros” insulares, construtores do pôrto de Faros, estiveram, naturalmente, em prolongado e íntimo contacto com os egípcios. Ao gênio de Tales, não seria difícil aplicar este processo à solução do problema.

Por outro lado, o episódio narrado por Diógenes Laércio e Plutarco, a propósito da medida da altura das pirâmides, pode ser pôsto em idêntica situação. A Abel Rey parece muito difícil que Amasis houvesse demonstrado espanto, em face da solução de Tales, uma vez que os egípcios, havia muitos séculos, utilizavam correntemente os números proporcionais, em tôdas as aplicações do método de falsa posição.

Mas, ainda que assim fôsse, se houvesse real fundamento para o aludido episódio, desde logo se tornava evidente que Tales desconhecia estarem os egípcios a par do método e, além disto, que havia apreendido tais conhecimentos antes de chegar ao Egito.

Há circunstâncias que não merecem crédito. Plínio, por exemplo, refere o caso de um contemporâneo de Tales, que foi considerado pelos seus conterrâneos como o inventor do esquadro e do nível, instrumentos conhecidos e usados no Oriente e no Egito, havia milhares de anos. Mas, pergunto — será razoável acreditar que só então fôssem tais instrumentos introduzidos na Jônia? Será possível aceitar que os cretenses, em contacto freqüente com os egípcios e asiáticos, ignorassem a existência do nível, êles que foram peritos em canalizações de água?

Quanto à segunda questão — a propriedade de serem retângulos os triângulos inscritos na semi-circunferência — essa oferece margem a comentários bem mais curiosos. A sua descoberta tem sido atribuída ao gênio de Tales, mas, na opinião dos geômetras, de conformidade com o método de demonstração usado pelos antigos, o seu conhecimento supunha, necessariamente, o do grande teorema, segundo o qual — a soma dos três ângulos internos de um triângulo retilíneo é sempre igual a dois ângulos retos.

A quem atribuir êste achado admirável? Ao próprio Tales? A unanimidade das tradições atribuem-na, entretanto, a Pitágoras...

Augusto Comte, sentindo a necessidade que tinha a Filosofia da História de conceber a ligação entre as especulações dos pensadores jônicos e seus fundamentos teocráticos, em falta de documentos objetivos, procurou conjecturá-la. Para isto, depois de caracterizar as noções geométricas dos teocratas, que, a seu ver, se limitavam, praticamente, à geometria das superfícies, mostrou a sua insuficiência, desde que se ignorassem as relações lineares. Lembrou, assim, que o estudo destas relações exigia, antes de mais nada, o das figuras retilíneas, espontâneamente redutíveis aos triângulos.

Já fiz, neste trabalho, alusão a certo Eufórbio, talvez mestre de Tales, considerado como "o primeiro a desenhar figuras geométricas". Pode isto não ser ficção, se apenas encarmos o mundo jônio. Mas está hoje averiguado que os conhecimentos geométricos dos egípcios iam um pouco além do que se acreditava no século passado. Os egípcios, desde o tempo de Ramsés II, como lembra Abel Rey, faziam desenhos ornamentais, inscrevendo, num círculo, um quadrado traçado pelas extremidades de dois diâmetros. Mas êste desenho, por si só, entretanto, não pode significar que êles se tenham dedicado a cogitações teóricas a propósito dos triângulos. Esta glória, se não coube diretamente a Tales, coube, sem dúvida alguma, à escola jônica.

Na opinião de Paul Tannery, com efeito, Tales podia ter iniciado os seus estudos, mostrando que os triângulos, inscritos na semi-circunferência, eram sempre retângulos, embora ignorasse a soma de seus ângulos internos. Bastava-lhe, realmente, conhecer a igualdade dos ângulos da base de um triângulo isósceles e a igualdade das porções da circunferência determinadas pelo diâmetro. Ora, estas duas proposições sempre foram justamente atribuídas ao chefe da escola de Mileto. Não se trataria, pròpriamente, de uma *demonstração*, mas da apresentação de um desenho geométrico, explicando uma das primeiras observações científicas. No caso, o que era novo, de uma novidade extraordinária, estava na *observação teórica*, e não no desenho, a bem dizer.

Proclus, repetindo Geminus, atribuía a Tales a *demonstração* de que o diâmetro dividia o círculo em duas partes iguais. Seria êste o ponto de partida. Com efeito: sendo possível inscrever um quadrado numa circunferência, a metade dêste quadrado, cortado pela diagonal — formando um triângulo retângulo — fica exatamente inscrita na semi-circunferência. De posse destas bases, difficilmente se compreenderia que o gênio teórico de Tales se detivesse. Mas se, de acôrdo com a tradição, atribuirmos a Pitágoras a descoberta da primeira relação abstrata, nem assim diminuiremos a

glória do grande milésio: foi êle realmente, o gênio criador dêste novo espirito, o verdadeiro espirito científico, ou positivo — marcando o início de uma nova fase para a Humanidade.

Astronomia. — Sabe-se que, no referente à astronomia, Tales e seus discípulos mais antigos apenas divulgaram o que já era sabido, desde muito tempo, entre os babilônios e egípcios. Tendo-se em vista, porém, as circunstâncias históricas que determinaram a constituição do mundo jônico, não se encontram motivos para rejeitar a hipótese de que êsses fatos fôsem igualmente conhecidos, entre os povos egeanos, desde épocas remotas.

Não me parece possível deixar de crer na influência, quase direta, das idéias e conquistas gerais da civilização cretense sôbre os primeiros pensadores jônicos, e julgar, pelo contrário, que o novo surto intelectual tenha sido fruto exclusivo dos conhecimentos que, só então, se foram buscar no Oriente e no Egito. Seria anular, talvez ilógicamente, todo o passado creto-miceniense. Por ventura, os cretenses, a princípio, e mais tarde os aequanos não estiveram em contacto direto com estas criações intelectuais dos caldeus e egípcios? E, além disto, seriam tão extraordinários êsses conhecimentos, que não pudessem os cretenses alcançá-los espontâneamente — êsses ativíssimos insulares, cuja inteligência superior, entretanto, refulgia em assombrosas manifestações artísticas e técnicas?

Antes de mais nada, convém não esquecer que, para Tales de Mileto e para tôda a escola jônica, o têrmo *astronomia* não tinha a significação atual. *Astrônomo* seria, talvez, uma função pública, de origem puramente religiosa, ao que parece, que cuidava da divisão do tempo, determinação do calendário, das festas sagradas, etc. O estudo científico dos astros chamou-se, a princípio *astrologia*, antes da contaminação pela arte divinatória; depois, para evitar confusão, passou a denominar-se *astrologia matemática*. Só bem tarde, como perdurasse a confusão, voltaram os gregos a usar o vocábulo *astronomia*, com o sentido que tem atualmente.

Aludindo à simplicidade de muitos dos conhecimentos iniciais, à naturalidade de muitas dessas idéias e concepções — idênticas no Egito, no Oriente e na Jônia — diz, com muita razão, Abel Rey, em sua luminosa obra *La jeunesse de la science grecque*:

“Nada há de espantoso em que elas tenham podido surgir no espirito dos homens que começavam a meditar, sem que nenhum contacto se tenha estabelecido entre êles”.

Há, realmente, uma circunstância que, de algum modo, prova esta falta de contacto de Tales com o Oriente; é que, segundo Abel Rey, nessa época, o sistema cosmográfico matemático, usado no Oriente, era bem mais adiantado do que o sistema empírico que êle

utilizou. Ora, não seria admissível negar ao fundador do jonismo capacidade para assimilar êste novo sistema. A verdade, portanto, é que não chegou a conhecê-lo.

Por outro lado, o que, então, provávelmente, se deu com os textos de muitos hinos, fábulas e narrativas, de incontestável origem cretense, pode também ter-se verificado, nessa mesma época, com respeito aos rudimentares conhecimentos astronômicos dos teocratas cretenses que assim, surgiam, pela primeira vez, numa língua ainda hoje compreendida pelos estudiosos e que, sem dúvida, pouco differia da que, durante alguns séculos, se aperfeiçoara em Micenas e Tirinto.

A astronomia dos minoanos era, certamente, concreta e empírica, consistindo em determinar a duração de alguns períodos, ou indicar, praticamente, apenas, o movimento do sol e dos planetas. Mas, seria difícil negar a êste povo de marinheiros conhecimentos de tal natureza, atribuindo-os, na época, exclusivamente a caldeus e egípcios. Ao contrário, algumas das grandes construções da teocracia cretense, no dizer de Glotz, e as viagens através do Mediterrâneo, demonstram o conhecimento antiqüíssimo de noções astronômicas. O chamado "Calendário de Minos", que, pelo menos, transmitiu diversos nomes de meses aos cretenses dos tempos históricos, é uma prova objetiva de que as concepções desta ordem não eram estranhas ao mundo egeano.

Quando o admirável Anaximandro, discípulo de Tales, desenhou o primeiro "mapa mundi", no qual a terra aparecia com a forma de um cilindro, segundo a autorizada opinião de Malte Brun, apenas reproduzia "conhecimentos muito desnaturados de um povo mais sábio". Que povo poderia ter sido êste? Houve tempo em que muita coisa se atribuía aos fenícios. . . Mas êste tempo passou. . .

Tales, provávelmente em virtude da previsão do eclipse solar de 610, 595 ou 587, foi cognominado por seus conterrâneos o "príncipe dos astrônomos", mas na realidade a sua previsão se fizera por um processo semelhante ao antigo método dos caldeus, pois a verdadeira causa dos eclipses, sòmente seria vislumbrada um século mais tarde. O que desêjo frisar, entretanto, é que se, em astronomia, Tales nada adiantou ao que já era conhecido antes de sua época, êstes conhecimentos, em boa parte, deviam ter sido espontaneamente firmados, ou, quando não, assimilados pelos creto-micenianos, muito antes da invasão dórica.

Tratando da mitologia cretence, Diodoro da Sicília alude a Hiperion, que passava por ter reconhecido, por exata observação, os movimentos do sol, da lua e dos outros planetas, e bem assim, as estações, subordinadas a êstes movimentos. Chamavam-lhe o

Pai dos Astros, porque foi êle o autor das primeiras observações astronômicas. E provávelmente o seria, para os insulares.

Seja como fôr, o que há de admirável na escola jônica, como consequência da orientação inicial de Tales, é o seu esforço racionalista. Para ela, os astros perderam a natureza divina, para se tornarem simples fenômenos atmosféricos, simples *meteoros*. Êste foi o ponto de partida. De maneira consciente e clara, todo o trabalho dêsses homens geniais consistia em criar a verdadeira ciência, libertando os conhecimentos da ganga mitológica. No Oriente, ou no Egito, isto não seria possível.

Filosofia. — A escola de Mileto parece ter sido fundada nos moldes das antigas confrarias religiosas egeanas, e talvez fôsse mesmo, a princípio, uma escola de *iniciados*, nos moldes dos antigos *thíasos*. Abel Rey, por exemplo, aceita esta opinião, o que consolida consideravelmente as idéias que tenho sustentado. Mas, em tal escola o Mestre não transmitia as velhas tradições com a invariabilidade sagrada, característica dos teocratas, para os quais o progresso tendia sempre a cessar diante dos preconceitos que se iam acumulando.

Na Jônia, em face das circunstâncias históricas, essas tradições haviam desfalecido, porque o espírito teocrático perdera a fôrça que tivera no passado. Tales não era um chefe religioso, não apresentava aos discípulos mistérios divinos. Observava, meditava e oferecia-lhes as suas concepções individuais; êstes teriam o direito, ou o dever, de analisá-las, de apreciá-las e criticá-las, modificando, aperfeiçoando e desenvolvendo o que julgasse necessário.

Usando desta orientação, inteiramente revolucionária, foi que o Mestre admirável, rompendo com um passado que vinha das origens da espécie humana, lançou o primeiro fundamento da *síntese objetiva*.

“Até então, com efeito, escreveu Pierre Laffitte, a síntese fôra ou subjetiva, como no fetichismo, mas puramente individual; ou objetiva, como no teologismo, mas apoiando-se no emprêgo de vontades concebidas fora de nós; sômente com Tales foi que surgiu uma síntese a um tempo objetiva e abstrata, na qual os fenômenos, considerados como independentes de qualquer vontade, se explicam pelas combinações indefinidas das partes de uma única matéria”.

Nesta nova orientação intelectual — claramente incentivada pelo espírito metafísico, mas desde logo fecundada pelo esbôço das pesquisas científicas — reside, também, a grandeza, sem par, da escola jônica, personificada em Tales, cujo imenso papel, na história da Humanidade, nunca será suficientemente louvado.

Naturalmente influenciado, como já tive oportunidade de observar, pelos poetas que o haviam precedido, Tales escolheu a água para *matéria única*, que explicasse a origem do mundo. Deixava êste, assim, de ser a criação de Okéanos — que de grande fetiche se tornara deus — para provir da água, ou da umidade. O filósofo libertava, dêste modo, o pensamento humano do conceito mítico; deixava de parte a pura inspiração teológica, procurando o conceito físico e até abstrato: concepção individual e leiga, que podia ser livremente apreciada e criticada pelos discípulos, sem maiores riscos.

Percebe-se, por conseguinte, que a Escola de Mileto — pelo seu espírito e pelo seu método — como já têm assinalado os historiadores filósofos, foi, com efeito, a fundadora da civilização intelectual do Ocidente. Há quem filie êste grande surto, como já referi, quase exclusivamente à situação geográfica da Jônia, situação que lhe permitia fácil contacto com o Oriente e com o Egito. Embora esta influência seja, realmente, incontestável, não me parece que baste para explicá-lo, pois, as regiões vizinhas, em condições idênticas, jamais conseguiram acompanhá-la, neste movimento original, verdadeiramente pasmoso.

Por conseguinte, uma das razões preponderantes, que explicam o surto de independência espiritual dos jônios foi, sem nenhuma dúvida, a desorganização do regime teocrático, fato que permitia uma liberdade de pensamento e exposição dificilmente admitida em outras regiões, mesmo da Grécia. Mas o fator humano tem, incontestavelmente, um papel decisivo. Não pensemos, apenas, nos indo-europeus, secularmente cretizados, que aí se vieram fixar: lembremo-nos dos próprios cretenses. Mileto, Êfeso e Colofônia foram verdadeiras colônias minoanas. Telmessos e Milasa parecem ter tido a mesma origem. Inúmeras deviam ter sido as *feitorias* dos marinheiros de Cnosso nas ilhas mais férteis e mais ricas, e nos portos mais estratégicos e mais seguros.

No ambiente propício, que se criara, havia de revigorar-se o gênio criador dêsses emigrados, florescendo, assim, pouco a pouco, de geração em geração, aquêl individualismo admirável, aquêl espírito observador, fecundo e brilhante, que não teve rival na Antigüidade.

JOÃO FRANCISCO DE SOUZA